

**VIOLÊNCIA CONTRA MENINAS E MULHERES: PESQUISA E EXTENSÃO
COM ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE ARACAJU-SE**

Renata Barreto Malta¹
Daniela Parfentieff de Noronha²
Carina Ochi Flexor³
Luciana dos Santos Ávila⁴

RESUMO

Considerando o aumento das violências contra meninas/mulheres decorrente do período pandêmico e pós-pandêmico, teve-se como objetivo evidenciar os resultados da pesquisa realizada com alunas(os) do Ensino Médio de Aracaju-SE sobre a compreensão e percepção acerca dessas violências. A partir do arcabouço teórico-metodológico da Etnografia e Interacionismo Simbólico e da realização de grupos focais com estudantes do ensino médio de colégios estaduais, os dados foram analisados a partir da Teoria Fundamentada em Dados. Os resultados reafirmam a situação alarmante de violências, assim como evidenciam a relevância de conteúdo educacional e atividades lúdicas – como a concepção e contação de histórias – como estratégia pedagógica capaz de sensibilizar e promover transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra meninas/mulheres. Pandemia. Ensino Médio. Aracaju. Contação de Histórias.

¹ Professora efetiva do Departamento de Comunicação Social da UFS (Universidade Federal do Sergipe). Professora Permanente e atual vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe. Coordenadora no Grupo de Pesquisa GENI - Gênero e Interseccionalidades na Comunicação. E-mail: renatamaltarm@gmail.com.

² Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine/UFF/FARERJ). Doutora em Mídia, Comunicação e Cultura pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB, 2017). Possui mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS, 2013) e graduação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, 2009). É vice-líder do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas - GERTs, da UFS, e pesquisadora do Grupo Documentário e Fronteiras, da UFF, e do Grupo Geni - Gênero e Interseccionalidades na Comunicação, da UFS. E-mail: danielledenoronha@gmail.com.

³ Docente da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UnB) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UnB). Doutorado e mestrado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). E-mail: cflexor@gmail.com.

⁴ Professora de Língua Inglesa para Educação Infantil na Rede Particular de Ensino, escritora e contadora de histórias. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais. Direciona seus esforços de estudo para narração oral e literatura infantil. E-mail: lucianamariaavila@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A violência contra meninas e mulheres é um dos pilares que atua na manutenção das desigualdades de gênero em nossas sociedades. Quando mencionamos violência de gênero é necessário evidenciar as múltiplas formas de violações que ferem a autonomia, a autoestima e a integridade física e psicológica das mulheres e das meninas, além de outras formas de desigualdade de gênero. Em intersecção com as relações de poder alicerçadas em gênero, se fazem presentes outros marcadores sociais, como classe, raça e sexualidade, os quais complexificam o problema. Conforme Lourdes Bandeira (2019, p. 304),

A violência contra a mulher constitui-se em fenômeno social persistente, multiforme e articulado por facetas psicológica, moral e física. Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de submissão ou poder, implicando sempre situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher. É considerada uma ação que envolve o uso de força real ou simbólica por parte de outrem com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e à liberdade de alguém.

O fenômeno acima descrito permanece alicerçado em um sistema patriarcal responsável por subjugar mulheres e meninas, posicionando o gênero feminino como secundário e inferior (SAFFIOTI, 2015). No primeiro ano da COVID-19 os dados relativos às violências de gênero, que já eram alarmantes, se intensificaram, supostamente devido ao isolamento e ao aumento do desemprego e à necessidade de se passar mais tempo em casa. A terceira edição da pesquisa “Visível e Invisível” (BUENO et al., 2021), encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apontou que uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos foi vítima de algum tipo de violência no Brasil em 2020, isto é, cerca de 17 milhões de mulheres. Mesmo após o fim do isolamento social, os números não pararam de crescer. Em 2022, a quarta edição da pesquisa “Visível e invisível” apontou que mais de 18 milhões de mulheres brasileiras sofreram violência (BUENO et al., 2023). Considerando os dados alarmantes e a importância da educação para mudanças socioculturais, desenvolvemos a pesquisa “Enfrentamento da violência contra mulheres e meninas na escola: percepções, ações e possibilidades de políticas públicas”, financiada pela FAPITEC, que buscou compreender a percepção de alunas e alunos do Ensino Médio da cidade de Aracaju, Sergipe, sobre a violência contra mulheres e meninas a partir de várias perspectivas, por meio de grupos focais com estudantes de colégios estaduais, a maioria jovens entre 15 e 18 anos.

Para a trajetória empírica, como base teórico-metodológica, nos valem do diálogo entre a Etnografia (GEERTZ, 1997) e a abordagem teórica do Interacionismo Simbólico (GOFFMAN, 1974), sob a premissa de que as percepções estão imersas na construção simbólica da comunidade em que são inseridos, neste caso, as dinâmicas inerentes ao ambiente escolar. Como técnica, como bem pontuamos, optamos pelo grupo focal composto por oito a doze integrantes, com estudantes do ensino médio de duas escolas da cidade de Aracaju, as quais se voluntariaram a participar da pesquisa. Ambos colégios estaduais de bairros periféricos da cidade, Colégio Estadual Barão de Mauá e Colégio Estadual Joaquim Vieira Sobral.

A conversa com os grupos era pautada por um roteiro base que buscava compreender: 1) o entendimento das e dos jovens sobre o que é violência e, especificamente, violência contra a mulher; 2) as vivências e experiências em relação à violência contra a mulher, incluindo com outras pessoas; 3) a percepção da violência no ambiente doméstico e escolar; 4) o entendimento sobre as causas estruturais da violência contra mulheres e meninas; 5) a compreensão do aumento da violência doméstica e o isolamento causados pela pandemia da Covid-19; 6) a percepção sobre a responsabilidade da escola para o debate acerca do problema social em questão; 7) os hábitos de consumo dos meios, com a finalidade de compreender as principais fontes de informação acerca da problemática em questão; e 8) a composição familiar e projeções futuras.

Os grupos focais foram gravados, transcritos e analisados a partir do método da Teoria Fundamentada em Dados (HANNABUSS, 1996). Com base na TFD, seguimos com a realização dos grupos até que as informações começaram a se repetir e percebemos que tínhamos levantado uma pluralidade de vivências suficiente para os objetivos da pesquisa, o que nos indicava ter atingido uma saturação amostral. No total realizamos 12 grupos focais com alunos/as do ensino médio das escolas participantes. O material transcrito foi processado no software alemão MAXQDA, codificado e interpretado a partir das diretrizes metodológicas propostas.

RESULTADOS

Os resultados do estudo foram estruturados em quatro temáticas centrais: pandemia e violência doméstica; violência sexual em espaços públicos; a escola como possível espaço de debate e acolhimento às vítimas de violência de gênero; violência



contra mulheres em ambiente digital. Outros temas foram mencionados, como questões relacionadas ao racismo e à LGBTQIA+fobia, ao papel da Igreja e à dificuldade de acesso e efetividade da justiça nos casos de violência. Em todos os grupos tivemos falas muito fortes, tanto de violências que haviam acontecido com as próprias estudantes, com familiares próximas, como a mãe ou irmã, ou ainda com amigas, conhecidas e vizinhas.

Os relatos iam desde diversas formas de assédio nas escolas, em casa ou na rua, chegando a extremos, como presenciar o pai apontar uma arma para a mãe. Algumas meninas choraram. Outras contaram que era a primeira vez que falavam sobre uma situação vivenciada. Em todos os grupos saímos impactadas com as violências que muitas e muitos daqueles jovens sofreram ou presenciaram, sobretudo, quando o relato era ambientalizado na própria escola, espaço em que os/as estudantes deveriam ter como referência do gozo de direitos que lhe permitem participar dignamente da vida social. Nossa sensação era invariavelmente de impotência diante das intimidações que todas as meninas e mulheres, em distintos graus, sofrem no dia a dia.

A partir dos resultados da investigação e, considerando que a vida dos jovens é hoje interpenetrada por um volume gigantesco de informações e narrativas que se pulverizam nas ambiências digitais – propiciando o consumo de diferentes produtos midiáticos direcionados ou não para eles –, e, ainda, observando a importância da educação para a promoção de transformações socioculturais, concebemos uma coleção denominada “Histórias da Geni”, composta por quatro livros digitais musicalizados.

A opção pelos livros digitais, notadamente, se deu em função da capacidade de distribuição e circulação dos produtos livrescos que, como produtos comunicacionais de cunho didático-pedagógico, se inscrevem como possibilidade de contribuir para o enfrentamento das desigualdades de gênero, sendo concebidos para serem utilizados por toda a rede de ensino público do estado de Sergipe, tanto com vistas à formação de educadoras e educadores acerca do tema, quanto para a aplicação em sala de aula com estudantes do Ensino Médio.

Sendo o livro uma das principais tecnologias historicamente utilizadas em sala de aula, a coleção “História da Geni” busca trabalhar as quatro temáticas que emergiram da investigação, como: 1. a escola como possível espaço de debate e acolhimento às vítimas de violência de gênero; 2. pandemia e violência doméstica; 3. violência sexual em espaços públicos; 4. violência contra mulheres em ambiente digital.



Para trabalhar temas tão sensíveis, buscou-se explorar gêneros narrativos distintos – conto⁵, crônica, poesia e fábula –, conformando projeto gráfico que tecem uma relação texto-imagem predominantemente pela via da colaboração, tecendo metáforas visuais que buscam sensibilizar os jovens leitores.

Mais além, explorando a dimensão lúdica – por ser capaz de promover mudanças nos modos de pensar e agir –, foi realizado um evento na Universidade Federal de Sergipe, destinado aos/às estudantes do Ensino Médio das escolas citadas. Os/as estudantes puderam desfrutar de uma sessão de contação de histórias, momento em que o primeiro livro da coleção – o conto *Sou Quem Sou!* – foi apresentado.

Na oportunidade, os/as alunos/as foram convidados a expressar seus sentimentos e percepções em dois grandes painéis dispostos no auditório da Universidade, momento em que se pôde constatar o impacto de atividades como essa na sensibilização dos jovens para o enfretamento da problemática em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ressaltamos que a escola pode e deve ser palco de debates sociais que corroborem para a formação de estudantes para o exercício pleno da cidadania. No que concerne às finalidades específicas do Ensino Médio, está inserida a construção de uma sociedade mais justa e livre de desigualdades. Em um sentido amplo, a Base Nacional Comum Curricular (2018) assevera que o acolhimento das juventudes, em sua pluralidade, é papel da escola, permitindo que alunos/as se conscientizem acerca das problemáticas sociais e contribuam para minimizar as violações de direitos de grupos minoritários, encontrando soluções não-violentas para o convívio social.

Assim, ainda que nos termos da lei existam mecanismos que coíbam e punam agressores⁶, para que haja uma mudança social capaz de minimizar e erradicar as desigualdades de gênero que preterem mulheres e meninas em sociedade são necessárias, também, ações educativas que contribuam para uma transformação cultural e social.

⁵ Destaca-se que os livros se encontram em fase de construção/desenvolvimento dos projetos gráficos. O primeiro livro intitulado *Sou Quem Sou!*, que serviu de base para o evento realizado para os estudantes de Ensino Médio das escolas envolvidas, pode ser acessado através do link: <https://online.fliphtml5.com/pspha/sojf/#p=1>.

⁶ Referimo-nos à Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Todos os tipos de violência de gênero se enquadram nos moldes desta lei, que foi instituída no Brasil em 2006.



Por fim, ressalta-se a importância da investigação e seus resultados, sobretudo a relevância do movimento de escuta e transposição das percepções e vivências de grupos sociais vulneráveis em materiais que contribuem, em alguma medida, para o enfrentamento da violência de gênero.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**, 2019.

BUENO, S. et al. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil** - 3ª edição, 2021.

BUENO, S. et al. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil** - 4ª edição, 2023.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. New York: Harper and Row, 1974.

HANNABUSS, S. Research Interviews. **New Library Word**, v. 97, n. 1129, p. 22-30, 1996.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero patriarcado violência**. Expressão Popular, 2015.